

OS 130 ANOS DA FAMILIA GENGHINI NO BRASIL

L.A. GENGHINI

Há 130 anos, início de março de 1896, chegava ao porto do Rio de Janeiro o navio Matteo Bruzzo trazendo a bordo diversas famílias italianas destinadas a Minas Gerais, como foi o caso dos Maggioli, dos Grossi, Dos Fávero e dos Genghini, todos vindos da Emilia Romagna, imediações de Rimini, rumo a Monte Sião, onde seus descendentes coexistem até a atualidade como autênticos Mineiros, sem se esquecer da polenta com polastro (frango), da piadina romagnola, das pastas (massas), do vinho e dos pomares, ainda cultivados nos quintais.

A título de curiosidade relacionamos os nomes das famílias embarcadas na viagem de início de 1896, no vapor Matteo Bruzzo, que aportou no Brasil no início de março, e, depois de todos os procedimentos nas dependências portuárias da

cidade do Rio de Janeiro, os imigrantes deram entrada na Hospedaria dos Imigrantes “Horta Barbosa”, em Juiz de Fora, em 21 de março de 1896.

“MATTREO BRUZZO: sobrenomes de passageiros que deram entrada na Hospedaria dos Imigrantes de Juiz de Fora no dia 21 de março de 1896: Alberti, Albini, Allione, Almeda, Altavilla, Andreoli, Antonioli, Arcanuelo, Armigliato, Armosino, Arturo, Baldi, Baldiserotto, Balducci, Balduzzi, Baratella, Barbieri, Baron, Baroni, Baruffin, Baruffini, Basso, Beltrami, Bendegui, Benoto, Bergamo, Bericchia, Bernacchin, Bernardi, Bernucci, Bertagna, Bertelli, Bertozzi, Betti, Biagioni, Binotti, Boccadoro, Bocchia, Boldrin, Bonfada, Bonfatti, Bortolazzi, Bortolussi, Boscoriol, Bosi, Bozzoni, Brusolin, Bucci, Burato, Cadei, Caldera, Calgary, Campioni, Canazza, Cancellieri, Capriolo, Cartecchia, Casagrande,

Casarin, Casecchi, Casini, Castellani, Cavazzola, Cervellieri, Cescon, Chiappello, Chinellato, Coato, Coise, Contemori, Cordadeschi, Coro, Costenaro, Cumerlato, Da Ros, Dal Bianco, Dal Re, Dalla Vedova, Danesi, De Faveri, De Melas, De Polo, De Vecchi, Dedin, Dian, Dorici, Facca, Falessi, Fassino, Favero, Ferri, Follador, Forzato, Franciscato, Gambutti, Gartellini, Gasparini, Gatto, Genghini, Giacomini, Giordani, Giulio, Glorioli, Goldoni, Golfetti, Grassi, Grossi, Guerra, Guidi, Guiroli, Leonardi, Loiccheri, Lovato, Lusti, Maggioni, Magnani, Magnolo, Magri, Malosti, Malvacchini, Maniezzo, Mantoan, Marcaccini, Marchioni, Marcolini, Marinucci, Marteletto, Martignon, Martinelli, Marzin, Masson, Matteoni, Mattiuzzi, Meloni, Meneghin, Merlano, Merli, Milanese, Modolo, Moni, Montanari, Morara, Moscardo, Moz-

zetti, Mutti, Negrello, Nol, Ortensi, Panizzon, Parma, Passini, Pavan, Perazzoli, Pezzi, Polastri, Pozzolo, Ragazzi, Ramazzina, Rastelli, Retecchi, Rizzato, Rizzi, Romagnoli, Rossi, Sanguin, Sarti, Scalpelli, Scansetti, Scarazzato, Scolaro, Seggiaro, Selvas, Semprini, Sfurandelli, Sibella, Simonetti, Sitta, Specie, Stringa, Suman, Tallon, Tantini, Tassi, Tecchi, Terrazan, Tisioti, Toni, Trombetti, Ugolini, Vaccari, Valotto, Vendramin, Ventura, Villa, Vitali, Volparo, Zafieri, Zanin, Zanone, Zordan, Zorza” in *Relação de vapores, Cantoni*, 1999.

Daquele grupo, por questões óbvias, nos propusemos a pesquisar a trajetória da família Genghini, que na época era composta pela matriarca Mariantonia di Antonia Bellini e pelo patriarca Giovanni Battista Genghini e os filhos Raimondo Secondo Genghini, Antonio Ubaldo

Genghini, Ernesta Ermínia Genghini e Giuseppina Enriccheta Genghini, esta falecida em Juiz de Fora em decorrência do estresse da longa e difícil viagem.

Os sobreviventes vieram de trem desde Juiz de Fora, provavelmente até Borda da Mata porque a estação de Ouro Fino ainda não estava operando e, de Borda da Mata até Monte Sião, devem ter marchado a pé ou até com o apoio de carroças ou carros de boi, bem ao estilo dos colonizadores mostrados nos faroestes.

A partir de 2015 nós passamos a reunir os descendentes a cada último domingo do mês de julho, para confraternização da Genghinada, ocasião em que elegemos um ramo da família para ser homenageado em cada evento, tendo adotado a sequência cronológica. Este ano de 2026 serão homenageados as filhas e os filhos de Ernesta Ermínia

Genghini, que foi casada com Antonio Gottardelo.

Resultante dos esforços de pesquisa e do aprofundamento no estudo do grupo familiar, em 2019, publicamos um livro documentando a saga da família e, por duas vezes, visitamos os primos da Itália: saudoso Orazio Genghini e família, em Monte Colombo, Rosa Ana Genghini e família em Rimini, Pier Paolo Genghini e família na Cervia, Renato Genghini em Rimini, saudoso Flavio Genghini em San Vito, Rimini, Michelle em Firenze e Roberto Genghini e Lili em Milão. Em julho deste ano faremos nova viagem para vivenciar a Itália e rever os primos queridos, esperando estar de volta em 26 de julho para a 12ª Genghinada. Pesquisa sobre assunto de família começa como curiosidade, fica séria e vira paixão!

Até qualquer hora pessoal!

GLOSSÁRIO MONTE-SIONÊS DA LÍNGUA PORTUGUESA

LETRA A

IVAN

Termos e expressões usuais na cidade de Monte Sião – vários deles inerentes ao lugar – além de outras palavras e frases deixadas pela colônia italiana ali instalada, a partir de 1880, e consagradas pelo gosto do povo. Estão registrados, também, brincadeiras infantis, cantigas de roda e ditos populares que vão desaparecendo lenta e gradualmente, à medida que as ruas deixam de ser domínio das crianças, substituídas pelas salas de brinquedos, classes de aula, recintos próprios para jogos, onde os pequenos ficam trancafiados, obedecendo a regras, sob disciplina severa e perdendo, para sempre, a criatividade e o sabor da infância.

Reunido por Ivan Mariano Silva
Ilustrações – José Carlos Grossi

Faz muito tempo, quando os dois riachos que abraçam Monte Sião eram cheirosos e neles as lavadeiras batiam roupa mesmo nos dias chuvosos – porque suas águas eram brisas e não se submetiam a sujeira – um funcionário público transferido de outra localidade veio trabalhar na Coletoria desta nossa cidade e, notando nossos hábitos

típicos e quase que exclusivos, confessou: “Monte Sião é uma cidade independente e soberana. Diminuta, acanhada, precisa de todo mundo, mas não liga para ninguém. Localizada na fronteira com São Paulo, não recebe influências paulistas nem adota hábitos mineiros; só não tem mesmo é língua própria”. Pois, agora, tem. Este Glossário Monte-sionês da Língua Portuguesa prova.

Ivan.

A

Anildes, feminista, a Lei Áurea que libertou as mulheres monte-sionenses do jugo masculino.

Assunta, em quem a ternura e a bondade disputavam a primazia dos seus cuidados.

Amarra, fruta que – fruta que, como o caqui ou banana verdes, amarra a boca, isto é, por conter tanino, adstringe (amarra) a mucosa da bochecha.

Amolar o boi – sugestão que se faz a alguém que nos está importunando, incomodando: vá amolar o boi. O mesmo que vá caçar sapo com bodoque (veja).

Angola – o mesmo que galinha de angola ou capote.

Antionte ou Antonte – anteontem.

Apontar o defeito com o dedo sujo de merda – expressão usada para alguém que julga o defeito alheio mesmo sabendo que também o possui e, quase sempre, mais grave: “está certo que não sou bom aluno; mas você aponta minha falha com o dedo sujo de merda”.

Aproveitar da moça – assédio sexual, bolinar, dar um amasso, dar um rapa (veja).

Aquela doença – expressão usada para substituir o termo “câncer”. Evita-se pronunciar o nome da

doença pelo receio de adquiri-la.

Aqui, quati! – interjeição, como dizer-se “te peguei” ou “comigo não” ou “nessa eu não caio”: “ele pensou que me enganava, ó, eu – Aqui, quati!”.

Ascanço – alcance: “não tem ascanço para ocupar o cargo”.

Até o cu fazer bico – trabalhar até não mais poder; fazer força além das possibilidades: “empurrei o carro até o cu fazer bico”.

Glossário Monte-Sionês da Língua Portuguesa – reunidos por Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.



COLEGIAL

Passei o dia pensando nela.

Pensei em nossos átomos que não trocam ligações.

Lembrei que seu verbo não faz parte da minha oração

E que sou período simples, com uma só ação.

De como suas reações nunca tiveram equilíbrio algum

Da forma como parecia se expressar em outro idioma.

Relutei em aceitar sua independência,

Produzia tudo que lhe era necessário.

Detestável fotossíntese que não me pertence também!

Entendi que a fronteira entre nós não abriga refugiados

Mas a amei tanto,

Que era impossível de calcular,

Colocar em valores.

Perdi a guerra por ela,

Tanto as internas como as mundiais.

Mas juntas, fizemos arte.

Refleti sobre o que Sócrates dizia,

Que não sabia de nada,

Pensei “mas que sujeito esperto!”

Giovanna Oliveira Lima

VIGILÂNCIA EMOCIONAL

DANILO ZUCATO ROBERT

Um dos pensadores que melhor conseguem analisar e descrever há mais de uma década a cultura ocidental vigente é Byung-chul Han, filósofo e ensaísta teuto-coreano de 67 anos. Em seu livro mais conhecido, *Sociedade do Cansaço*, Han descreve como a coação por performance mudou de eixo, saindo da coação externa (quando o chefe fiscaliza o funcionário) para a coação interna (quando o próprio funcionário se fiscaliza). Como ele alerta, essa necessidade de sempre estar performando e se aprimorando nos leva ao cansaço mental, aumentando a possibili-

dade de doenças como depressão e burnout. Depressão e burnout são duas das respostas (ou mecanismos de defesa) que o corpo dá contra essa cultura da performance. Alguns sintomas da depressão são tristeza persistente, desânimo e perda de interesse por atividades antes prazerosas. Já os sintomas do burnout (esgotamento crônico de atividades ligadas ao trabalho ou outros deveres mentalmente exaustivos) são exaustão profunda, distanciamento mental do trabalho e sensação de ineficácia ou baixa realização profissional. Em nosso capitalismo distópico atual, o mercado global e sua enorme capacidade de autopreservação

já ofertou remédios ou tratamentos às duas doenças citadas, como livros de autoajuda, remédios, terapias e retiros espirituais, tudo em função de que não se reduza a produtividade e, por fim, o lucro obtido. Porém, agora surge outra forma de evitar tal redução: treinar as nossas emoções de forma performática. Ex-engenheiros da Apple e Meta estão desenvolvendo um 'dispositivo vestível' capaz de te mostrar 'por que você chorou depois daquela reunião de trabalho', segundo a notícia do jornal online The News. A ferramenta promete 'treinar a inteligência emocional', identificando como você está se sentindo, explicando o porquê e

sugerindo ações práticas para recuperar o equilíbrio. O lançamento da pulseira inteligente da startup Anoria está previsto para o segundo semestre de 2026. À primeira vista parece um copiloto emocional interessante, porém, o que se sugere é que a partir do uso desta ferramenta, teremos de prestar atenção em nossas emoções o tempo todo, talvez até analisando posteriormente como nos sentimos enquanto dormíamos, chegando ao ponto de questionarmos o motivo de sentir o que sentimos em determinadas situações. Isso é a continuação da cultura performática, mas agora como performance emocional, na

qual julgaremos emoções como 'certas' ou 'erradas', nos levando a treinar ou modificar o que sentimos simplesmente porque uma máquina identificou e avaliou nossos sentimentos. Essa avaliação será não em função de saúde, mas de produtividade. O motivo da criação deste dispositivo, conforme traz a notícia, é: 'Segundo a OMS, depressão e ansiedade sozinhas CUSTAM À ECONOMIA global US\$1 trilhão por ano em perdas de PRODUTIVIDADE.' Sim, o que está em jogo não é a inteligência emocional por mais qualidade de vida, para maior autoconhecimento, uma autoajuda de fato. O que está em jogo neste monitora-

mento é, no fim das contas, aumento do lucro das empresas. A performance, para além dos 'hard e soft skills', também será exigida no âmbito emocional. Talvez já na próxima década tenhamos de começar a apresentar dois currículos nas entrevistas de emprego: o técnico e o psico-médico. As perguntas adicionais de processos seletivos atuais, focados em diversidade (cor, orientação sexual, pronome de preferência) serão substituídos por perguntas como "selecione abaixo qual(is) dos problemas psicológicos você já teve":
 Depressão.
 Burnout.
 TDAH.
 Ansiedade.
 Outros.



A ARTE DE TER ALGO A DIZER

JAIME GOTTARDELLO

Há pessoas que dominam a arte da fala como quem maneja um regador sem jardim. Espalham palavras em todas as direções, molhando calçadas, muros e janelas, mas raramente uma flor. Vivemos dias curiosos e nebulosos. Nunca se falou tanto. Nunca se opinou com tanta rapidez. Há especialistas instantâneos para

todos os assuntos, e sentenças definitivas para perguntas que mal foram compreendidas. A palavra tornou-se abundante. O pensamento, nem sempre. Ainda mais que existe hoje quem, artificialmente, pense através de computadores. Existe, inclusive, um talento pouco reconhecido: falar durante longos minutos sem deixar uma única ideia para trás. Os mais ha-

bilidosos atravessam política, futebol, economia, filosofia e previsão do tempo sem sofrer o inconveniente de uma conclusão. Quando terminam, todos os presentes têm a sensação de terem participado de algo importante, embora ninguém consiga explicar exatamente o quê. Talvez por isso o silêncio tenha adquirido um valor cada vez mais raro. Não o silêncio cons-

trangido, covarde ou indiferente, mas aquele que escuta antes de responder. O silêncio que admite e não se envergonha de não saber. O silêncio que prefere uma dúvida honesta a uma certeza apressada. Os antigos desconfiavam dos rios rasos. Fazem muito barulho ao encontrar as pedras. As águas profundas, ao contrário, seguem quase sem ruído. Há conversas que

terminam e nada permanece. As palavras passam por nós como folhas levadas pelo vento. Outras deixam uma frase, uma imagem ou uma pergunta capaz de nos acompanhar por dias. A diferença raramente está na quantidade do que foi dito, mas na substância. Talvez seja por isso que algumas pessoas falam pouco e ainda assim são lembradas. Não porque guardem

respostas para tudo, mas porque sabem que as palavras, como as moedas, perdem valor quando gastas sem necessidade. O mundo está cheio de discursos. O que continua raro é encontrar uma ideia. E, no fim, o silêncio conserva uma vantagem que os grandes faladores dificilmente perdoam: ele nunca precisou levantar a voz para demonstrar que tinha razão.

MECÂNICA NETOS
 nacionais e importados nacionais e importados
 Ernesto A. G. Bacellar
 Eng.º Mecânico Automotivístico
 Fone: (35) 3465 2772
 Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha)
 Monte Sião - MG
 CEP 37580-000

CASA DAS MASSAS
 de Lourdes Labogatti
 ACEITAMOS ENCOMENDAS
Pães e Massas Especiais Panetones e Congelados
 Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone (35) 997693265
 Monte Sião - MG

Programe sua festa - nós temos o local!
RESTAURANTE DA LICINHA
 Espaço para 250 pessoas
 Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino - (35)3465 1355 - 9 9114 9447

AINDA DÁ TEMPO DE PLANTAR

LEONARDO LABEGALINI

Junho chegou trazendo consigo um dos períodos mais queridos do interior. As bandeirinhas coloridas já enfeitavam as ruas de Monte Sião, o cheiro de milho cozido se misturava ao aroma do café fresco, e as quermesses começavam a reunir famílias, amigos e vizinhos em torno de muita conversa e alegria.

Naquela noite fria, Téo e o Líder Inspirador caminhavam pela praça da cidade, observando o movimento da festa junina. Crianças corriam entre as barracas, casais dançavam quadrilha e, ao fundo, uma sanfona dava o tom da celebração.

Depois de alguns minutos em silêncio, o Líder Inspirador olhou para Téo e perguntou:

— Posso te fazer uma pergunta?

— Claro — respondeu Téo.

— Você já percebeu que estamos chegando ao final do primeiro semestre do ano?

Téo arregalou os

olhos.

— Sinceramente? Nem parece. Tenho a impressão de que o ano começou outro dia.

O Líder sorriu.

— Quase todo mundo diz isso nessa época. O tempo parece correr cada vez mais rápido. Mas existe uma pergunta ainda mais importante do que perceber a velocidade do tempo.

— Qual?

O Líder apontou para uma plantação que podia ser vista ao longe, atrás das luzes da festa.

— O que você plantou nesses últimos seis meses?

Téo ficou em silêncio.

A pergunta parecia simples, mas ele percebeu que não tinha uma resposta pronta.

— Eu não sei... Trabalhei bastante, resolvi problemas, corri de um lado para o outro...

— Eu não perguntei o que você fez. Perguntei o que você plantou.

Téo pensou por alguns segundos.

— Acho que nunca tinha parado para refletir sobre isso.

— E aí está um dos maiores desafios da vida — respondeu o Líder. — Muitas pessoas passam o ano inteiro ocupadas, mas poucas sabem exatamente para onde estão indo. Confundem movimento com progresso.

Eles continuaram caminhando entre as barracas.

— Sabe o que é curioso? — continuou o Líder Inspirador. — Ninguém espera colher milho sem antes plantar milho. Ninguém espera colher café sem antes cuidar da lavoura. Mas quando o assunto é a própria vida, muita gente espera resultados que nunca plantou.

Téo concordou com a cabeça.

— Faz sentido.

— Se alguém deseja melhorar a saúde, precisa plantar hábitos saudáveis. Se deseja uma família mais unida, precisa plantar presença e atenção. Se quer crescer profissionalmente, precisa plantar aprendizado e desenvolvimento.

Toda colheita começa muito antes de aparecer.

O som de uma gargalhada vindo de uma das barracas chamou a atenção dos dois por alguns instantes.

— Então você está dizendo que as metas são como sementes? — perguntou Téo.

— Exatamente. E o problema é que muitas pessoas chegam ao final do ano frustradas porque esquecem de plantar no começo. Mas não se preocupe tanto com a colheita. Quem cuida bem do plantio normalmente colhe no tempo certo.

Enquanto a música da quadrilha recomeçava e as pessoas se preparavam para mais uma dança, Téo percebeu que aquela conversa tinha lhe dado algo valioso: clareza.

O primeiro semestre estava chegando ao fim.

Mas talvez a pergunta mais importante não fosse para onde o tempo tinha ido.

— Talvez a pergunta fosse: O que você plantou até aqui?

E, mais importante ainda: O que pretende plantar nos próximos seis meses para que a colheita do fim do ano seja diferente?

FOGÃO A LENHA

Fogão a lenha no cantinho da cozinha
Com seu forninho e cinco bocas a fumer
Painéis de ferro cozinhando bem quentinhos
O arroz o feijão a carne o torresmo a pururucar

Quando a friagem estava a congelar
Ele estava sempre bem quentinho
E as crianças nos banquinhos a sentar
Apaziguando alegremente o friozinho

E as matronas as mães e as nonninhas
Estavam sempre o fogão a lenha a rodear
Estouravam as deliciosas pipoquinhas
Que com o café preto estavam a saborear

E a chaminé a fumaça despejando
Que pelos ares tentavam ao menos subir
Mas o forte vento sempre estava atrapalhando
Aquele mesmo que fazia a gente o frio sentir

Aquelas brasas que apagadas serviam
Para curar o medo que as crianças sentiam
Serviam também para tirar os estrepes que doíam
Naqueles escaldos que as queridas mães faziam

E a polenta quando era brostolada
Na gradela de ferro em que estava assando
E quando pronta em sua cor amarelada
Todos da casa bem depressa ia mastigando

E a batata doce quando estava sendo assada
As amarelinhas ou as roxas deliciosas
E quando prontas com mel eram carameladas
Ou com o açúcar eram ainda mais saborosas

Mas nos dias de hoje como é triste a recordação
De lembrar daquele saudoso passado
Nas cozinhas não temos mais o velho fogão
E nem o cudiguim a linguiça e o toucinho defumado

(Lendo a crônica de José Antônio Zechin, publicada no Monte Sião, edição 640, outubro de 2025, a qual trouxe as mais saudosas recordações dos bons tempos que não voltam jamais.)

Arlindo Bellini

MUDOU A IMPRENSA OU MUDEI EU?

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Em 1920, o célebre jurista baiano Ruy Barbosa fez uma conferência sobre "A imprensa e o dever da verdade", quando disse: "A imprensa é a vista da Nação. Por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam". Não por acaso, sempre considerada um quarto poder.

Depois de um século, é assustadora a decadência da imprensa brasileira! Em vários aspectos: desde a qualidade da informação até o comprometimento com a verdade. Quando termina uma notícia — seja em economia, política, esporte ou condições climáticas — fico sem entender o que realmente aconteceu. Se a inflação subiu ou desceu, se o combustível

aumentou ou diminuiu, se a nova medida governamental foi boa ou não, se foi pênalti ou não, se vai chover ou não. Tudo sempre dúbio. Por isso me lembrei do "Soneto de Natal" de Machado de Assis, escrito em 1901 sobre o sentimento de desilusão de um homem adulto sobre essa data festiva, tentando descobrir se era ele quem tinha mudado ou o próprio Natal.

Eu posso afirmar que continuo a mesma pessoa, até mais maduro e consciente. Então, o que mudou? Por quais razões? Fácil explicar. O primeiro e mais significativo motivo: interesses financeiros. Quem apoiar o governo, leva mais. Quem criticar, leva menos ou nada. Poucos percebem ainda a mão pesada e autoritária do Estado nas redações, com suas pautas exclusivamente ideológicas. Dados recentes revelaram quanto

as emissoras brasileiras levaram de dinheiro em publicidades governamentais. Muitos milhões por mês. Na ponta do ranking, adivinhe quem? Outro motivo: a baixa formação acadêmica e a falta de cultura geral dos jornalistas. Muitos cometem erros grosseiros tanto na fala quanto na escrita e o que lhes falta de conhecimento histórico sobra de contaminação ideológica. Exclua raríssimos ainda existentes, cultos, bem formados e, principalmente, éticos. Que não vendem a alma para o diabo. Inclua no rol de porcarias midiáticas esses youtubers e influenciadores digitais que falam de tudo sobre nada e, mesmo assim, com impressionantes milhões de seguidores idiotizados.

Pois é. Acho que o Natal mudou mesmo. E a imprensa, muito mais. Para pior... O que diria Ruy Barbosa se estivesse vivo hoje?

FUNDAÇÃO CULTURAL "PASCOAL ANDRETA"

Lei Municipal que a declara de utilidade pública: nº 972/1984
Lei Estadual que a declara de utilidade pública: nº 15349/2004
Lei Federal que a declara de utilidade pública: Portaria nº 347/DOU 15/02/2012
Cadastro na Secretaria de Estado da Cultura: nº 732
Rua da Saúde, 115 - Monte Sião - MG
CGC: 17.414.632/0001-02



EDITAL DE CONVOCAÇÃO – 1ª ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 2026

O Presidente da Fundação Cultural "Pascoal Andreta", Engº José Ayrton Labegalini, no uso de suas atribuições e poderes, devidamente conferidos pelo seu estatuto social averbado no Ofício de Registro Civil de Pessoas Jurídicas sob Nº 20/02 do Livro A-007 em 15/09/2009 nesta Comarca, cumprindo os termos de seus artigos 15 e parágrafo 1º, 13, vem **CONVOCAR** os senhores Membros Natos Fundadores seus Diretores, seu Conselho Curador e Fiscal, juntamente com o I. Membro Ministério Público desta Comarca; e também o seu Advogado Dr. João Lúcio Genghini Júnior OAB/MG166.320, para realizarem a **PRIMEIRA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA do ano de 2026 a ser instalada em 1ª (primeira) convocação às 18:00h (dezoito horas) do dia 07 de julho de 2026**, na residência do Presidente da Fundação, sito na Chácara Verana, no Bairro do Rio das Pedras, nesta comarca de Monte Sião-MG, com a presença do número mínimo de 50% de seus integrantes, mais um, razão que, se não auferido o quórum qualificado no dia e hora determinados, fica desde já marcada a **2ª (segunda) convocação para mesmo dia, às 18:30h (dezoito e trinta horas)**, e no mesmo local e dia, quando será constituída com qualquer número de presentes, nos termos do parágrafo 1º do artigo 15, para deliberação dos seguintes assuntos:

- Leitura e aprovação da Ata da 2ª Assembleia Geral Ordinária de 2025;
- Dar a palavra a seu presidente e membros da diretoria, para que promovam a prestação de Contas sobre o andamento das atividades realizadas pela Entidade, no ano de 2026, (Registro das atividades Culturais);
- Dar a palavra ao Sr. Presidente e Sr. Diretor Financeiro para prestarem contas sobre a execução do Plano de Trabalho de 2026 – Subvenção da Prefeitura; outros recursos e das contas privativas da Entidade; aporte de contribuições do empresariado e outras fontes de recursos.
- Tratar das doações recebidas em 2026, Receitas da Bilheteria e prestar contas sobre destinação dos recursos na manutenção do museu, demonstrar saldo financeiro e reserva atual. Tratar dos recursos administrativos financeiros da Gerencia Executiva.
- Dar a palavra ao Conselho Fiscal para ratificação e aprovação das contas apresentadas;
- Revisão dos projetos que compõem o plano de trabalho e proposta de convênio com a Prefeitura; para o do ano de 2026;
- Dar a palavra aos Membros do Conselho Curador;
- Agradecimento aos colaboradores
- Tratar de outros assuntos por solicitação dos conselheiros ou por conveniência de seu presidente, que seja indicado para deliberação. (Palavra da Gerencia Executiva).

A publicação na imprensa local é dispensada conforme seu estatuto, sendo somente requisito; a afixação do presente edital em sua sede, bem como a notificação pessoal, ou por carta simples aos interessados; meio estatutário de comprovação sobre a presente convocação e chamado, para que surtam todos os efeitos de fato e de direito junto aos que estejam interessados, estão aqui devidamente convocados, ainda que no local e data e horário determinados, estejam ausentes.

(*) Havendo procuradores legais, esses deverão estar presentes 15 MINUTOS antes do início dos trabalhos, para validação de seus instrumentos de mandato junto ao Diretor Secretário da Fundação, ou a sua ordem.

Monte Sião, 04 de 06 de 2026

JOSÉ AYRTON LABEGALINI

Presidente da Fundação Cultural "Pascoal Andreta"

SUPERMERCADO SHIMODA

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes

Oliveira

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109



**ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS**

RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO) **3465-5463**



BAÚ DO ZOTE

Neste espaço o JMS publicará, todo mês, histórias e causos de Monte Sião e seus cidadãos.



ESTEVÃO COMUNE

J CARLOS GROSSI

É junho, a cidade amaneceu gelada. Minha rua Direita está vazia e espero a amiga Bernadete para irmos à escola. O telhado das casas está branco e gosto de assoprar fumaça enquanto a espero. Está lindíssima em seu pesado casaco. Sorri e seguimos juntos. Estou intimidado por sua elegância. Sinto-me constrangido, porém ela toca meu braço e me tranquiliza com o olhar.

Toda manhã é assim. E ao passarmos pelo jardim nos embelezamos com os canteiros de várias flores, o buchinho perfeitamente aparado, o caramanchão e o co-reto floridos. À direita um canteiro de papoulas que é uma maravilha. E logo ali, em sua escada de madeira está o senhor de nossos encantos. Parece flutuar com os movimentos de seus braços. É um mágico podendo os enormes ciprestes e os transformando em animais. E nos acena.

-À bênção, tio - Ela diz.

Admiro aquele simpático senhor, no alto de sua escada, podendo galinhos do enorme cipreste. É uma figura de paz, graciosa, fazendo poesia realista com flores, formas, cores e perfumes. Tem o olhar profundo, gestos simples e mãos de um fantástico artesão.

Então descubro que não está podendo, mas moldando as formas de um tatu.

Olhando em volta

vejo a cobra ensaiando um bote ao pássaro. Mas a onça ainda não está completa. Ou será gato? Não sei, talvez amanhã eu descubra. Quem sabe quando tosar seus pelinhos salientes, deixar o rabo revirado e as orelhas de mesmo tamanho? Ou quando o tempo for complacente e esse felino se tornar outra de suas espetaculares esculturas?

Então pressinto que o tempo fará surgir, pela poesia daquelas mãos, o completo resultado de sua obra: o magnífico jardim da praça principal, o invejável ponto

turístico da cidade.

E fico pensando como a cidade ficará agradecida com a poesia deste jardim!

Despeço-me: até breve, seu Estevão.

Hoje sei que já se passaram setenta anos. Mas o tempo, quem se importa com o tempo, se temos uma história para contar? Pois o tempo não passa quando se torna memória.

Um dia Estevão nos disse, a mim e a Ariovaldo, numa entrevista para nosso jornal, que trabalhava no jardim todas as horas do dia, e mesmo à noite, em so-

nhos, plantava flores.

Lembro-me que houve silêncio. Não tínhamos apenas ouvido uma frase, mas uma experiência poética.

E num discreto sorriso troca a tesoura de mão e faz um lento gesto nos mandando seguir nossos caminhos.

Estou feliz e digo a Bernadete que estávamos ao lado de um sábio.

Hoje passo pelo mesmo jardim e não o vejo, mas sei que sempre estará em seus sonhos plantando milhões de flores, pássaros e encantos.

E você, leitor, conheceu o ônibus do Zote? Conhece alguém que tenha usado o ônibus do Zote para ir até a escola em Águas de Lindóia? Nos envie sua história para publicarmos no Jornal!

Envie para: jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

UM CREPÚSCULO DE ÍDOLOS

MATHEUS ZUCATO

Quando eu era criança, nas poucas oportunidades que tínhamos de reuniões ou festas com adultos, lembro-me de sempre ver os grupos sentados ao redor de uma mesa com copos de cerveja ou bebidas que na época nem sabia o que era, e de perceber em seus rostos como falavam acaloradamente, com muita convicção, cada um atropelando o outro para ter o seu argumento ou curiosidade ouvidos. Lembro de imaginar que eles discutissem questões fundamentais e por vezes difíceis de compreensão a uma criança.

Numas dessas ocasiões tentei me pôr ao lado meu pai, ou de um tio, para participar da conversa. A mesa grudava devido ao acúmulo de inúmeros derramamentos de bebidas, ou de mãos gordurosas de carne, pão, doce e cigarro que faziam da madeira o seu guardanapo. Lembro do cheiro acre e cru. Numa delas, um homem alertou meu pai da minha presença, e ele me enxotou no imperativo de que aquilo não era conversa de crianças, e que eu tinha que ir brincar com os meus amigos. Pensei que estivessem decidindo o futuro de nossa família, ou um caso muito grave da tal Filosofia que na escola já começavam a ensinar.

Quando comecei a frequentar o mundo adolescente, as primeiras festas com danças, os primeiros beijos, de vez em quando encontrávamos nos bares — ou locais onde a festa acontecia — alguns professores do colégio. Quando eu tinha quator-

ze anos, no quintal da casa da avó de um colega, os professores de duas disciplinas do colégio conversavam. A música estava alta, e eles discutiam entusiasmados, como fizessem planos para algo que fosse acontecer logo, e que era estritamente crucial que acontecesse para que a humanidade pudesse sobreviver ao que vivia ou ao que viria a viver em pouco tempo. Imaginei que falassem com muito mais propriedade, profundidade e rigor, sobre as questões que tratávamos em sala. Não lembrava o nome de um único grande pensador, mas me entusiasmei em saber mais sobre o que argumentavam.

O companheiro de uma das professoras vestia uma boina que achei belíssima. Deve ter sido a primeira boina que vi na vida. Cheguei perto dele e disse “bonito chapéu”, e eles todos riram alto, olharam pra mim como se tivessem brasa nos olhos e comemoraram, “mais um pro clube!”. E aí puxei uma cadeira de metal enferrujada e me sentei. Percebi que fizeram silêncio. Começaram truncado a me perguntar como eu estava indo nas matérias, se eu já estava “namorando” alguém, o que eu queria ser quando crescer etc. Quando o homem de boina me perguntou qual era o meu super-herói preferido, aí eu disse, decepcionado, que não sabia. Eles mudaram o assunto para a festa junina da escola, e decidi me levantar e sair com a desculpa de buscar mais um copo de refrigerante.

Eram assim os grandes clubes fechados dos

adultos, em suas discussões intelectuais demais para a compreensão e inocência de uma criança. A impossibilidade de fazer parte e ter passe-livre nessas reuniões fizeram parte do meu desejo, também inocente, de me tornar adulto logo, de ouvir minha voz, meus pensamentos. Com isso, passei a me dedicar com muito mais ímpeto às aulas de filosofia do colégio, aos programas de TV que discutiam o governo, o conhecimento, a economia, os avanços na medicina, a desigualdade social etc. Sentia que, pouco a pouco, com o avanço da idade, eu garantia o meu ingresso para os clubes intelectuais dos mais velhos.

Mas o tempo é uma água que limpa muito bem. Quando eu tinha dezessete anos, a vida havia trazido tantas outras preocupações — muitas delas também fúteis —, tanta rebeldia e tanta energia explosiva, que eu já nem me lembrava mais dos meus objetivos de antes. Eu estava no último ano do colégio. Um dia houve um baile à fantasia no Clube Dona Itália. Nessa época eu já participava do grupo de teatro da escola, já tocava na orquestra juvenil da cidade, já era membro voluntário de uma instituição social.

A noite avançava em álcool, em liberdade, em ousadia. Em determinado momento eu me cansei de dançar e cacei algum grupo de pessoas para me aproximar, sentar um pouco, e conversar. Uns colegas sentados no chão de um corredor falavam de mulheres e de histórias de bebedeira; algumas meninas acalen-

tavam outra que chorava por conta de um rapaz que a tinha rejeitado; e perto do parapeito que separava o salão de festas da área da piscina, um pouco afastados do salão, estavam duas professoras e um casal de alunos. Ao me dirigir a eles, percebi uma memória em tanto antiga se reaver em mim. Eles conversavam conforme as memórias que eu tinha dos tempos de antes: os meus familiares na mesa grudada; o grupo de professores com o homem de boina; enfim, os clubes particulares onde eu não era bem-vindo. No alto da minha parca sensação de ser adulto, senti que uma conta seria quitada.

Um prazer acalorado tomou conta de meu peito, os meus olhos brilhavam sem piscar. Meu andar de bêbado se endireitou. Andei sem olhar para eles, como fosse descobri-los de repente, sem querer. Mal senti o vento frio da piscina acariciar meu rosto no trajeto. O que importava era o ritual de iniciação do qual eu participava.

Eles sorriram ao me ver. Percebi de cara o entusiasmo das portas abertas. As duas professoras fumavam com estilo. Na pose delas fui aos poucos me transportando aos cafés filosóficos de Paris dos anos 30. Tentei entender o assunto, pois peguei o bonde andando, mas ainda não se fazia claro para que eu pudesse então formular qualquer coisa. Aí uma das professoras deu um trago muito despreocupado, expirou a fumaça numa longa nuvem que mostrava a todos a formulação de uma resposta profunda. Espe-

ramos o seu tempo, e ela argumentou: “Mas, afinal, o *voyeurismo* não é a coisa mais comum do mundo?”.

Eu sabia o que era, e por isso o choque foi instantâneo. E depois uma série de comentários sobre o que já tinham visto, ouvido fofocas, o que gostariam de ter visto, quem gostariam de ver, mas que ele era casado, mas e daí, mas meu sonho era esse, o meu fogo, e se eu pudesse comprava um binóculo, e acho que a gente devia andar pelado, é assim que começamos no mundo, e as roupas são parte do controle mental imposto, e mais cigarro, baforada, álcool, e vou ao banheiro,

e quem sabe eu não ficolá, e vocês me entendemné, e esse papo, e eu volto pelada ou vestida, e gargalhadas, e eu quero é ó, e gargalhadas, e fumaça e fogo, e aí garota o corpo é meu, pegava na mão dele e ó, é assim que começamos, e eu vou olhar todo dia, e acho que assustamos o menino, e gargalhadas, aqui a gente é assim, mas conta aí pra gente as suas safadezas, e trago, e álcool. A luz da lua a refletir na água da piscina. A constatação. O clube filosófico, título: *voyeurismo*.

No dia seguinte descobriram em Pompeia, no sul da Itália, as ruínas de um secreto espaço de culto proibido a Dionísio.

POUCO CASO (II)

Quando me leio
sou um livro
que já li

Se me ouço
ouço a voz
e não me escuto

Então só vejo
que já não sou
o que já fui

Daí porque
sou o fantasma
que conclui:

para mim
sou o defunto
então ... morri

Popo de Sião

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados
Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Fone: (35) 3465 2772
Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Praíinha)
Monte Sião - MG
CEP 37580-000

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais
(35) 3465 2060 (35) 98815 2060
Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG
www.dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!
RESTAURANTE DA LICINHA
Espaço para 250 pessoas
Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

MUITO SILÊNCIO POR NADA

DURVAL TAVARES

Tempos sombrios como aqueles não eram normais na vida do maestro. Frio, arredio, sem ânimo pra nada. Nem mesmo ao finalzinho dos sábados, quando com os amigos se reunia no alto da Manguaça, a praça, para trocar um dedo (ou um palmo) de prosa, Parmiro se fazia presente. Nem para assistir ao belíssimo pôr do sol entre vales e montanhas, na companhia da turma do circo, sempre presente, ali permanecia. O pôr do sol, momento do dia em que o Sol se gruda à noite, o poente, com visuais únicos em milhares de lugares, belíssimos atrativos turísticos, diferentes a depender dos locais – vales, montanhas, lagos, cidades - de onde

se os vê. Pelo mundo, turistas se acotovelam (em Manguá não chegava a tanto) à escolha de um local ideal para apreciar tão belo espetáculo. Não obstante a beleza da natureza, Parmiro se retirava e se recolhia porque perdera o gosto pelo final do dia, o pôr do dia, ou o pôr da vida, como passara a chamar. Nada se sabia e nenhum familiar trazia qualquer informação a respeito, provavelmente porque nada se sabia. Todos “Boca de siri”. O certo é que na programação do coreto daquele mês, músicas italianas com o tema “saudade” foram por ele selecionadas para a interpretação da “Banda Manguaquinos”. A impressão que se tinha era a de que Parmiro seria a bola da vez. Parece que era assim mesmo que se sentia. Ma-

cambuzio e sorumbático (respectivamente do latim macambusius, sorumbaticus), assim descrito naquele seu estado de espírito e, naquele coreto, naquela cidade, naquele estado, para o maestro não seria nada fácil dirigir a sua banda. Sorte que tinha ao seu lado o auxiliar-substituto Y-irio, um músico consagrado de elevado conhecimento que, por amizade e lealdade ao maestro, quase um filho, seguia à risca a programação. Parmiro apenas dava o pontapé inicial e saía de fininho. Corria para o alambique do Máximo, filho manguaquense da gema, da Ema, e ali por horas ficava e, há quem diga, tudo o que ocupava sua mente ali afogava e gole em gole, trago a trago, um estrago, infelizmente. Já não era

mais aquele sóbrio maestro, bem conhecido do povo de Manguá. *Un vero amaro far niente*. E muito se especulava. Especular sobre a vida alheia é coisa feia, mas não sobre a ausência de uma verdadeira eminência. Estaria em luto ou na iminência de perder algum parente ou amigo da velha Itália? Teria problemas financeiros ou vivia em conflitos familiares? Alguma expectativa não realizada com sensação de fracasso dele tomava conta? Talvez problemas de saúde física ou mental, com dores crônicas, distúrbios do sono, tudo a afetar seu bom humor. Defeito no Nash foi descartado de pronto, porque aquele raro carro era inquebrável, como prova seu bom histórico na viagem de ida e volta de Manguá às cidades de

Monte Sião e Ouro Fino. Será que o netinho estaria com a saúde debilitada? A julgar pelo que o quexotinho corria pelas ruas da cidade, essa desconfiança não tinha o menor cabimento. À falta de informação, crescia a especulação. Seu afastamento, seu recolhimento, seria para processar emoções difíceis, para refletir ou recuperar energia emocional. Tudo ficava no campo do “achismo” porque nada garantia que “ficar mais reservado” significava que estivesse deprimido ou passando por algo mais grave. Poderia sim estar preocupado, cansado ou refletindo sobre questões pessoais não corriqueiras. Será que teria recebido algum convite para se mudar e trabalhar longe de Manguá? Com certeza, dado seu apego àquela ci-

dade, isso o levaria a pensar uma eternidade. Os mais próximos sentiam sua falta e recomendavam, sabiamente, que o maestro pensasse como Einstein: “*A vida é como andar de bicicleta. Para manter o equilíbrio, você precisa continuar se movendo*” (“*La vita è come andare in bicicletta. Per mantenere l'equilibrio, devi continuare a muoverli*”) ou “Permanecer imóvel diante da vida nem sempre preserva o equilíbrio; muitas vezes o coloca em risco” (“*Restare immobili di fronte alla vita non sempre preserva l'equilibrio, molte volte lo mette a rischio*”). Os dias se passavam e a situação não mudava. Sem ter a menor ideia do que acontecia, poucos pensavam que tudo aquilo não passava de muito silêncio por nada. Será?

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

PASCOAL, MAESTRO

WALDEMAR GOTARDELO

(março/1983)

Há muitos anos, o “Monte Sião” publicava uma crônica “Músicos que se foram”, onde falávamos dos músicos montesionenses, contemporâneos nossos, que já haviam partido deste mundo. Lá estavam José da Rocha, Elpídio Glória, Hermínio Zucato, Lourenço Guireli e outros. Vários anos depois, numa segunda crônica juntamos àqueles nomes, os nomes inesquecíveis de Antonio Gotardelo Sobrinho, Adolfo Canela, Juarez Comparim e Renato Franco Bueno. Hoje, cumprindo uma tarefa que nos foi dada, falaremos de outro, que bem há pouco tempo nos

deixou. Pascoal Andreta. O Pascoal, músico, o Pascoal compositor, o PASCOAL MAESTRO. Não pretendemos fazer sua biografia musical, mas apenas relatar fatos por nós conhecidos e que a saudade nos traz à lembrança. As primeiras notas musicais aprendeu com Adolfo Canela, juntamente com o ofício de carpinteiro. Pouco tempo depois já figurava como clarinetista na velha Lira Monte-sionense, sob a regência do maestro Humberto Andreta. Bastante jovem naquela época, já despertava a admiração de seus colegas pela sua brilhante inteligência e grande amor à música. Jamais deixava de aproveitar seus momentos de folga para aprimorar-se com seu instrumento.

Frequentemente promovia reuniões musicais em sua casa e participava de serestas com amigos, começando, então, a surgir suas primeiras composições. Mais de uma centena de músicas – valsas, dobrados, boletos, chorinhos – o Hino de Monte Sião e até uma bela toada sertaneja, esta de parceria com Nelson Labegalini, fazem parte do seu vasto repertório.

Nos anos de 1947 e 1948, já como maestro e professor, formou a Lira Maestro Hermínio Zucato. Fui seu aluno e fiz parte daquela corporação musical. Lembro-me bem de sua competência, de sua dedicação e de sua severidade. Jamais admitia brincadeira em serviço. Ai daquele que quisesse passar por engraçadinho ou sopr-

se seu instrumento antes do tempo. Violenta bronca vinha de imediato.

Lembro-me também do sucesso do dia da estreia, com nosso maestro desfilando orgulhosamente à frente da novel corporação pelas ruas da cidade. Várias bandas de música se passaram, com o Pascoal sempre como regente ou fazendo parte de todas elas. Ultimamente organizou o grupo de músicos que todos os anos abrilhantava a Festa de São Sebastião. Nada cobrava, porém jamais perdoava os comes e bebes. Mesmo na sua ausência o grupo continua firme, como se ele estivesse presente, pois a cada peça executada, muitas de sua autoria, seu nome é sempre lembrado. Nunca abando-

nou a música que tanto gostava.

Certa feita, numa visita a amigos na cidade de Piracicaba, num encontro de cursilhistas, o Pascoal reuniu vários companheiros, formando a “Bandinha De Cores”. Quando chegamos, tocando de surpresa um dobrado em plena rua daquela bela cidade paulista, fizemos nossos anfitriões chorarem de emoção e contentamento. À noite, no sítio onde ficamos hospedados, juntamente com o Ivan no violão e o saudoso Regitano, piracicabano da velha guarda, no cavaquinho, Pascoal solava belas valsas numa seresta à natureza, com o João Português, ruim de ouvido, querendo acompanhar com pancadas atravessadas no bombo.

Pascoal, furioso, parou de tocar, tomou o barulhento instrumento do João e o escondeu atrás de um beliche. Não esperava, no entanto, que o João, descobrindo o esconderijo, continuasse cutucando o bombo com um cabo de vassoura, atrapalhando ainda mais. Nem preciso dizer como acabou a festa.

Hoje, certamente em algum lugar, Pascoal e Regitano estão executando suas valsas sossegados, acompanhados, talvez, dos grandes músicos monte-sionenses que lhes fazem companhia.

Por muito tempo ainda, como não poderá deixar de ser, Monte Sião recordará com saudade de Pascoal Andreta, seu músico, seu compositor, seu MAESTRO.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Danilo Zucato Robert, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva (*in memoriam*), Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Danilo Zucato Robert, Durval Tavares, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ilson João Mariano Silva (*in memoriam*), Ivan Mariano Silva (*in memoriam*), Jaime Gottardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta (*in memoriam*), José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Leonardo Labegalini, Lucas Provenzano, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Ugo Labegalini (*in memoriam*), Valdo Resende e Zeza Amaral (*in memoriam*), Yoshiharu Endo.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgar a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

MATURIDADE

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Existem centenas de diversificadas frases buscando conceituar o que é a maturidade. Resumidamente, podemos dizer que é o período de tempo de uma vida inteira, desde a infância até a velhice. Nunca sabemos tudo, estamos sempre aprendendo alguma coisa diferente. De maneira simples, podemos dizer que a maturidade só vem com o passar dos anos, diante das experiências reais e circunstâncias de vida de cada um. Portanto, não podemos afirmar simplesmente se uma pessoa é imatura ou não. Depende muito de quantas situações, boas

ou ruins, já experimentou na vida. E ainda, se aprendeu ou não com os acontecimentos.

Uma boa definição de maturidade que eu gosto é: “maturidade é quando você passa a esperar menos dos outros e fazer mais por si mesmo”. Em outras palavras, “é aprender a se afastar de pessoas e situações que ameaçam a sua paz interior, sua autoestima, seus valores, seu respeito por si mesmo”. Ou seja, se alguma coisa está incomodando, dê um jeito de se afastar e esquecer. Não passe a vida (que passa tão rápido) dando murros em ponta de faca.

Na natureza, uma árvore sabe exatamente qual a estação do tempo.

EUS

não sou só
muitos

sisudos
meigos
hilários

serenos
vastos
contrários

não a soma
divididos
desvairios

mas tenho sido
apenas um
destes vários

poeta obscuro
confuso
solitário

kuaia

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Junho de 2026

Nº 648

ÚLTIMOTREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Julho de 2026

Dia 01 João Mariano Martins Nádia Valeska de Queirós Ismael Samuel dos Santos Claudiméia Schiavon Teles Cristiano Corsi Júlia Silvério Labegalini	Dia 15 Mágilla da Silva Rodrigues Juliana Rodrigues Ferreira Nadini Naguisa de Azevedo Ramon de Castro P. Silva Patrícia Labegalini De Nez Camila Fernandes Lopes Lucila do Carmo Santos Paula Rossi de Oliveira
Dia 02 Ana Maria F. Righetto Júlia Labigalini Nicioli Benedito Aparecido da Silva	Dia 16 Maria do Carmo Renção
Dia 03 Soraya Bernardi Beatriz Glória Comune Rafael Roberto G. de Faria Mário Roberto Vilas Boas	Dia 17 Júlio César Duarte Paulo Henrique Machado Ygor Tadeu Comune Danilo Henrique de Souza
Dia 04 Eduardo Labegalini Aparecido Costa Neliton Labegalini	Dia 18 Nilson Paschoal Gonçalves
Dia 05 Eder Zucato Gustavo Righeti Aparecido Gomes Filho	Dia 19 Paula M. Guarini Corrêa Sebastião Paulo Vitoriano Eliana Maria Zucato Maria Carolina Bernardi Carolina de Castro Gonçalves Bruna Trindade Diniz Luís Henrique N. Zucato
Dia 06 Luciana Ferreira Godói Ariadna Luana de Oliveira Ivone T. Comune da Costa Antonio José de Paula	Dia 20 Larissa Moraes de Oliveira Luana Silveira Andreta Célia Luiza G. Penachi
Dia 07 José Raimundo Fernandes Josmar Beltrami Márcio Antonio Diniz Marina de Fátima Barbosa Virgílio Viviane Guiraldelo	Dia 21 Ana Cláudia Santos de Christo Jair Francisco Ruiz Jr. Brenda Lindsey Fávero
Dia 08 Inês Machado Fávero Francisco Carlos de Faria Maurício G. da Silva	Dia 22 Sérgio Ricardo Righeti Fátima Faraco Rafael Penachi Augusto César Botareli Saulo Luis Genghini
Dia 10 Isabela Cristina Pennacchi Cynthia Labegalini Ronaldo Sebastião Virgílio Jr. Fernando Costa Trindade Danilo Labegalini Clayton Donizete Gâmbaro	Dia 23 Manuela Z. Mantovani José Luiz dos Santos
Dia 11 Alexandre R. de Oliveira Leandro Righeti S. Bueno Antonio Carlos Pennacchi Tiago Caroli Mariana Bernardi José Roberto Pereira Filipe Bernardi Milan	Dia 24 Edina Maria Diniz Heloísa de Jesus Barbosa Mário Lúcio G. Oliveira
Dia 12 Benedita da Silva Zucato Rildo Gomes da Silva	Dia 25 Suely Barbosa Virgílio Cláudia A. Benatti Paula Daniela Silva
Dia 13 Carlos Henrique de Souza Marcos Volpini Meire Márcia Marcellino	Dia 26 Analu Armelin Pitelli Luiza Ferraz Regina Martins
Dia 14 Pierre de Lima Maria Ap. Coutinho Souza Henrique Souza Bueno Roberto Wagner S. Fonseca Paulo Henrique O. Azevedo Maria José dos Santos Mayla Silveira Rosa H.B. Valdissera Santos	Dia 27 Pedro de Castro Ribeiro Neto Jussara Laira Grossi Luiz Felipe Fabri Flávia Dias e Silva Regiane Vieira Toledo Márcia Zucato
	Dia 28 Gilberto A. Otaviano Humberto Guireli
	Dia 29 Caroline Tavares Odinino
	Dia 30 Pedro Mariano Martins Gisleine Lopes Vitor Monteiro Guinesi
	Dia 31 Murilo Dias Hercília Ruiz dos Santos Maria das Graças Barros Murilo Dias Fernandes Maria de Fátima Tavares Silva Regina Alves Martins.

A todos, as felicitações da Redação!

VISITA EMINENTE AO MUSEU HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MONTE SIÃO

Dia 06 de junho de 2026, o Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião recebeu a eminente visita de José Oscar Bernardi, ou Zé Oscar, ou só Oscar. Oportunidade de longa conversa com a diretoria e da visita às dependências repaginadas da instituição, inclusive uma em sua homenagem. Quando éramos meninos o Zé Oscar pegava no gol. Depois passou uns tempos frequentando o sítio de seu nonno Oscar de Castro e da nonna Maria Ingornada, na sua melhor fase de ginete, peão boiadeiro, enquanto jogava nos times e campeonatos da cidade. Depois, como Oscar, foi treinar na Ponte Preta, em Campinas, e a partir de então aconteceu... tornou-se respeitado atleta, técnico e empresário do futebol, que na Itália se chama "Calcio". Caro Zé Oscar, grande Oscar! Obrigado pela visita, esta casa é sua. Você nos representa!

CIRCUITO DAS ÁGUAS, FÉRIAS E EVENTOS

Quando juntamos os circuitos das águas de Minas Gerais e São Paulo enumeramos umas dez cidades ou mais, num raio de uns 50 quilômetros, que atraem turistas, frequentadores habituais, visitantes aos eventos, como a exposição de carros antigos em Águas e a FENAT em Monte Sião, compradores de produtos típicos da região, como malhas, porcelanas, queijos,

doces, café gourmet, dentre tantas opções! As cidades lotam, o comércio congestionam e as estradas ficam intransitáveis. Faz lembrar as férias do "ferragosto" na Itália, quando todo mundo sai de casa ao mesmo tempo para ficar presos em intermináveis congestionamentos. Lá, como aqui, se pratica a máxima do bônus e ônus, ou seja, para se ter o benefício há que se pagar o preço!

PREMIAÇÃO DO CONCURSO ANUAL DE POESIAS E LANÇAMENTO DO LIVRO "POEIRA CÔSMICA"

Está programado para agosto próximo o tradicional evento de premiação dos contemplados com as melhores poesias da edição 2026 do XXIV Concurso de Poesias "Fritz Teixeira de Salles", oportunidade em que será lançado, em Monte Sião, o livro "Poeira Cômica: a trajetória de um nissei no Brasil", de Yoshiharu Endo, colaborador deste mensário. Voltaremos a este espaço, na próxima edição, com mais informações. Agendem!

DILEMA QUASE POÉTICO, MAS NÃO!

Desde que o mundo é mundo existe uma separação não oficial entre aqueles que trabalham e produzem e aqueles que vivem de exploração do próximo, pelos mais diversos expedientes. Antigamente, que desejasse ficar longe de problemas ficava em casa, e

pronto. Atualmente, não estamos livres do mal, dos assédios, do furto, do roubo, dos golpes e de tantas falcaturas nem quando estamos em casa, até dormindo. Fomos arrastados para um mundo tecnológico que ao invés de nos trazer segurança trouxe desassossego, porque o mal, quando não vem de corpo presente nos alcança pelos meios de comunicação e pelo telefone celular, deixando-nos totalmente expostos e à mercê da má fé e da má vontade de todos. Estarrecedora realidade!

AS MELHORES OPÇÕES DE MONTE SIÃO!

Tive a prazerosa oportunidade de ver a bem humorada indicação, pelo prefeito Juninho Zucato, apontando os cinco itens imperdíveis de Monte Sião. Tomo a liberdade e por minha conta e risco, de indicar, também, a pousada Sítio das Pedras, sob os cuidados de Dito Dorta Neto e família e do premiado Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião, possuidor de acervo interessantíssimo! Aproveitem!

ESTRADAS RURAIS

Finalmente chegamos ao período de estiagem, propício para a manutenção e expansão das estradas rurais que servem ao município. Contamos com o bom senso dos gestores da máquina pública municipal, esperando que o povo da roça não seja esquecido. O dono do defunto pega na alça da cabeça!

CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

O IPÊ DO RIBEIRÃO

(Toada - 05/04/76)

LETRA E MÚSICA:

UGO LABEGALINI E PASCOAL ANDRETA

I

Quando o sol, se espreguiçando,
Vai a noite procurando,
Olho triste o pé de ipê.
Sua sombra no relvado
Me traz coisas do passado
E a saudade de você.
Dos seus beijos perfumados,
Dos seus olhos assustados,
Do seu jeito de querer...
Do seu riso que envolvia
A manhã em poesia
E abismava o anoitecer.

II

Ipê lá do ribeirão,
Tão só, perdido de flor,
Tal qual meu coração,
Tão só, perdido de amor (Bis).

III

Mas você esqueceu de tudo,
O relvado de veludo...
Até mesmo o violão...
Nosso ipê que perfumava
As tardezinhas de verão...

A beleza feiticeira

A rolar da cachoeira,
Dia e noite como quê...
As estrelas tatuadas
Entre os claros da ramada
Desse nosso pé de ipê...

IV

Ipê lá do ribeirão,
Tão só, perdido de flor,
Tal qual meu coração,
Tão só, perdido de amor (Bis).

V

Hoje triste, desolado,
Olho o ipê abandonado,
Nem mais sento a viração...
Lá se foram as rolinhas,
A magia das tardinhas,
O langor do ribeirão...
Foi você, minha princesa,
Quem levou toda a beleza
Que a ventura já me deu.
Só deixou esta saudade
Que brotou na mocidade
E até hoje não morreu.

VI

Ipê lá do ribeirão,
Tão só, perdido de flor,
Tal qual meu coração,
Tão só, perdido de amor (Bis).

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulistas

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- **Teste do Pezinho ampliado**
- **Credenciamento com os Laboratórios:**
- GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
- HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP
Telefone: (19) 3824-1507

WhatsApp: (19) 99343-9180